

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
Setor de Documentação e História Regional-SEDHIR
Av. Aprígio Veloso, 882 - Bodocongó
CÉP: 58109-970 - Campina Grande-PB. - Brasil

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Humanidades
Departamento de História e Geografia

Interdisciplinaridade: O que é isso?

Luzia de Marilak Jeronimo da Silva

Luzia de Marilak Jeronimo da Silva

Interdisciplinaridade: O que é isso?

Trabalho de conclusão de curso
Apresentado na Universidade Federal
Da Paraíba – Campus II, como um
Dos pré-requisitos para obtenção
Do grau de historia.

Campina Grande – PB
2002

ALUNA: LUZIA DE MARILAK JERONIMO DA SILVA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

"A humildade é o primeiro
degrau para a sabedoria"
(autor desconhecido)

Sumário:

Agradecimentos	5
Introdução	6
Capitulo I	8
Capitulo II	14
Capitulo III	18
Conclusão	23
Bibliografia	25
Anexos	26

Agradecimentos

A Deus, que me deu força e coragem nesta longa caminhada.
A minha tia Izabel que sempre lutou para que nunca desistisse de meus estudos, de meus sonhos.

A todos aqueles que sempre me incentivaram a prosseguir, nunca fraquejar, em especial: Érica Fabricia, Ezilda Cláudia, a professora Socorro Rangel, Sebastião Gonçalves e padre Vicente Celestino, que me deram força, me levantaram num momento em que quase desisti.

A minha amiga M^a Cicera Venâncio por tudo que fez.

À professora Eronides Câmara Donato (Nilda) que orientou-me a escrever este trabalho e deu-me coragem nos momentos difíceis
Aos demais colegas e professores que estiveram a meu lado durante todo o curso.

Apresentação

Há vários anos que ouvimos falar sobre interdisciplinaridade no ensino, na educação, no entanto nunca tínhamos lido nada sobre o assunto, mas fazíamos uma idéia do que seria. Entendíamos que fosse um professor que aplicasse de outras disciplinas na sua aula. Será que é isto mesmo?

Quando nos foi proposto na disciplina Prática de Ensino em Historia de um tema para abordarmos no final da disciplina, foram varias as idéias que nos apareceram em mente, ficamos indecisos sem sabre o que fazer. De repente surgiu a idéia da interdisciplinaridade, por que não? Seria uma oportunidade de se conhecer melhor sobre o tema e saber se realmente estávamos certos com relação a ele.

A escolha se deu, principalmente por entendermos que a interdisciplinaridade significaria a união das disciplinas, portanto, de professores, fato que não estava ocorrendo nas escolas que freqüentávamos, pois as relações observadas eram de total individualidade de formação de "grupinhos" que queriam ser superiores aos outros professores. Se falava em interdisciplinaridade, em integração, mas como integração se havia tantas divergências entre os professores? Este foi, portanto, um dos principais motivos para a escolha do tema.

O segundo passo foi fazer o convite a professora Eronides Câmara Donato para orientar-nos e indicar-nos a bibliografia referentę ao tema.

Assim, a partir do titulo: "Interdisciplinaridade: o que é isso?" , procuramos entender qual o real significado do termo interdisciplinaridade e se, realmente, este modelo de educação é aplicado nas escolas e como esta aplicação é feita.

No primeiro capitulo, "O nascimento da Interdisciplinaridade: uma solução para a crise das ciências", procuramos enfatizar como se deu a emergência da interdisciplinaridade no Brasil enfocado, principalmente , as décadas de 70, 80 e 90 do século XX, tendo por base os textos de Ivani Catarina Arantes Fazenda, dentre outros estudos que tratam sobre a interdisciplinaridade, procurando saber o porquê dela ter sido vista como uma nova concepção de ensino.

No nosso segundo capitulo., "Interdisciplinaridade: solução ou problema para a educação?", tentamos focar que a interdisciplinaridade não foi uma solução para a educação, para o ensino, para isso , partiremos da leitura de Alfredo da Veiga Neto procurando apresentar o que não deu certo na interdisciplinaridade, destacando os termos multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade.

O ultimo capitulo. "Nossas escolas utilizam-se do sistema interdisciplinar?", abordamos de uma maneira geral o problema em se trabalhar com a interdisciplinaridade, abordando as experiências obtidas a partir de nossa pratica de ensino na Escola Felix Araújo, e enfatizamos, também, a interdisciplinaridade como sendo um mito.

Concluimos enfatizando a impossibilidade de existência da interdisciplinaridade tendo como principal exemplo dessa não possibilidade, a própria universidade. Onde começando pelos currículos já pode-se observar disciplinaridade, norma imposta a ser seguida.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
Setor de Documentação e História Regional-SEDHR
Av. Aprígio Veloso, 882 - Bodocongó
CEP: 58109-970 - Campina Grande-PB. - Brasil

Capítulo I

O nascimento da Interdisciplinaridade>: Uma solução para a crise das ciências?

“A interdisciplinaridade é uma reinvenção que vem para reafirmar a integridade perdida, o esfacelamento dos domínios do conhecimento, do homem, da ciência. Significa um passo além no processo de aquisição do conhecimento, possibilitando uma educação centrada na integração entre conhecimento, conhecedor e conhecido”.

Beatriz Judith Lima Scoz¹

Um dos termos mais abordados no setor educacional nestes últimos trinta anos refere-se a interdisciplinaridade, que vem sendo focado como um novo modelo, uma nova concepção de ensino, uma melhoria para a educação em geral. Mas, o que seria esta interdisciplinaridade? Onde surgiu este modelo de ensino? Como utiliza-lo? A partir de tais questionamentos, tentaremos enfatizar a interdisciplinaridade presente na educação brasileira nestas ultimas décadas (a partir de 1970) e, para isso, precisamos entender o porquê deste termo, “interdisciplinaridade” ter sido utilizado como uma saída para o ensino, para a crise vivida pelas ciências.

Após a segunda guerra mundial houve uma preocupação geral dos estudiosos no que se refere às ciências, estas entraram em crise, pois começou-se a questionar a dicotomia ciência/existência. Será que o avanço da ciência seria realmente o melhor para a humanidade? Tinha-se o lado positivo, onde se encontrava a cura para varias doenças, se observava um avanço nas tecnologias, nas comunicações, nos transportes dentre outros vários setores. Entretanto, as ciências caminhavam-se para outros ramos como a criação de armas químicas, biológicas que eram/são maléficas para toda a humanidade. E foi o que aconteceu na segunda guerra mundial quando explodiram as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki no Japão, onde milhares de pessoas morreram e muitas trazem as seqüelas destas bombas até os nossos dias, já que a contaminação atômica é algo fatal.

A partir de tais fatos, começou-se a pensar sobre a posição das ciências, que estavam voltando-se como uma forma de poder, de manipulação, de dominação. Quem tivesse o domínio sobre alguma ciência, sobre algum conhecimento específico, poderia utiliza-lo da forma que quisesse e isto era perigoso para a sociedade. Com os movimentos

1 Beatriz Judith Lima Scoz é pedagoga, psicopedagoga, mestre em psicologia da Educação – PUC São Paulo, membro do conselho nato e ex-presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia. Cf texto: “ A psicopedagogia na visão multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar: Revista Psicopedagogica – 15(39) 1996

estudantis da década de 60, começou haver uma preocupação com a educação, um rompimento com a educação por migalhas², ou com a fragmentação do saber, que se estava vendo até então, e assim, como um remédio para esta patologia do saber que sondava as ciências, surge a interdisciplinaridade.

“(...) O 'projeto interdisciplinar' foi assumido como um remédio pedagógico que contribuiria decisivamente para reverter a fragmentação do conhecimento moderno, fonte da dissociação entre a ciência e a Filosofia(...)”

(Alfredo da Veiga Neto, 1994)

o movimento interdisciplinar emergiu na Europa, principalmente na França e na Itália, tendo como precursor Georges Gusdorf³ que tinha como uma grande preocupação o caminho no qual as ciências estavam tomando rumo, pois para ele,

“A racionalidade científica desnatura a natureza e desumaniza os homens”.

(Gusdorf, 1976 p.19)

Por isso procurou diminuir a distancia teórica que estava havendo entre as ciências humanas. A interdisciplinaridade aparece como a melhor solução para a crise das ciências, pois um de seus fundamentos diz que “a interioridade nos conduz a um profundo exercício de humanidade.

Isso porque, segundo os estudos feitos por Ivani C.A. Fazenda,⁴ a interdisciplinaridade já vem desde muito antes, desde Sócrates com o “Conhece-te a ti mesmo” e desde Descartes quando diz “Penso, logo existo”. Assim a interdisciplinaridade não seria algo externo às ciências, mas que parte de sua própria interioridade.

Portanto, a partir de 1970 no Brasil, se tem uma construção epistemológica da interdisciplinaridade, voltando-se aos filósofos para se ter uma melhor explicação sobre o seu sentido, havendo então uma estruturação conceitual do termo, o que o leva a se tornar um modismo neste período, já que todos os estudiosos partem para analisar a interdisciplinaridade, tendo-se neste momento um grande avanço de reflexão sobre o termo. No entanto, o grande perigo que pairava era o da interdisciplinaridade se tornar a “cênica

2. Entende-se por educação por migalhas, uma educação onde se trabalha com disciplinas específicas, isoladas, não havendo qualquer ligação entre as mesmas, ficando assim a aprendizagem incompleta.

3. Georges Gusdorf foi um dos principais precursores do movimento a favor da interdisciplinaridade na década de 70. ver: Fazenda, Ivani C. Arantes, “Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. Campinas, SP: Papyrus 1994

4. Ivani Catarina Arantes Fazenda é licenciada em pedagogia pela USP, mestre em Filosofia da Educação pela PUC e doutora em antropologia cultural pela USP, livre docente em didática pela Unesp/Botucatu, professora do programa de estudos pós-graduados em educação e Docente do CCHS da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

das ciências", este era o grande perigo ideológico da década de 70, no mais a interdisciplinaridade teve grande repercussão, pois havia a procura de uma definição para o termo, a busca de um conceito.

Começou uma nova década e com ela a busca de uma diretriz sociológica para a interdisciplinaridade, uma maior explicitação das contradições epistemológicas decorrentes de toda a construção que vinha sendo feita desde os anos 70. a partir de agora há uma tentativa de se explicitar, de se encontrar um método para a interdisciplinaridade. Tudo parte de atitudes interdisciplinares, de sínteses imaginativas e audazes, no qual tudo passa a ser questionado, começa-se a pergunta, a duvidar de tudo, a se ter uma categoria de ação sobre os fatos.

Dai onde há uma diferença de categoria entre disciplina e interdisciplinaridade, pois a primeira refere-se a ordem, a norma, algo está dado, está pronto, que exige que o estudioso tenha a consciência direcionada para o que acontece, para determinada ação construindo-se numa própria dialética homem-mundo. Já a interdisciplinaridade, mas possibilitando uma interação que é algo próprio do homem enquanto ser social, já que durante sua existência mantém relações de afetividade, de compreensão, de comunicação dentre outras.

O homem se interage socialmente e a interdisciplinaridade é um espaço de abertura, de possibilidade para a integração entre as pessoas, teorias, conhecimentos, uma possibilidade de comunicação entre os infinitos mundos vividos.

Surge a partir dos anos 90, uma nova tendência interdisciplinar, cheia de contradições, uma profilação indiscriminada das praticas intuitivas, há uma nova alteração na idéia de ensino, principalmente com as idéias de Montessori onde diz que,

"(...) ensinar é aprender, porque ensinar é sobretudo pesquisar, e por isso é também construir é a aprender".

(Fazenda, p.40)

Com a interdisciplinaridade nasce também um novo modelo de professor, o professor disciplinar, que adquire características específicas, particulares, diferindo-se dos professores comuns, por ter maior gosto pelo conhecer e pelo pesquisar. É um professor que está sempre na ativa, sempre procurando buscar novos conhecimentos, sempre pesquisando e se atualizando com tudo.

É um professor que tom um compromisso diferenciado para com os seus alunos, pois para ele o que importa não é apenas a transmissão dos assuntos, mas a aquisição, a aprendizagem que os alunos terão, para isso este tipo de professor interdisciplinar está sempre ousando na utilização de técnicas de ensino, usando sempre novas técnicas e, também, muitos procedimentos de ensino que são poucos utilizados pelos demais docentes. Além do mais, é um professor que está sempre à procura de novas possibilidades, novos caminhos, se envolvendo em cada ato, em cada projeto com toda a sua totalidade se entregando por inteiro.

"(...) é fundamental que o professor seja mestre, aquele que sabe aprender com os mais novos porque mais criativos, mais inovadores, porém não com a sabedoria que os anos de vida vividos outorgam ao mestre. O professor precisa ser o condutor do processo, mas é necessário adquirir a sabedoria da espera, o saber ver no aluno aquilo que nem o próprio aluno havia lido nele mesmo ou em suas produções. A alegria, o afeto, o aconchego, a troca, próprios de uma relação primal, uróbica não podem pedir demissão da escola; sua ausência poderia criar um mundo sem colorido, sem brinquedo, sem lúdico, sem criança, sem felicidade".

(Fazenda, p.45)

Portanto, o professor interdisciplinar carrega consigo a competência, o envolvimento total e o compromisso com tudo que faz, entregando-se ao seu trabalho de corpo e alma. Assim, muitas vezes encontra negações em seu caminho, principalmente no que se refere às instituições de ensino que são acomodadas. Há uma luta, uma resistência do professor a este tipo de lugar que não lhe abre espaço, que lhe restringe a ensinar, a transmissão e o compartilhamento do saber. O que leva este professor também a solidão, à um desejo de se encontrar, por isso sempre está em busca de conhecimento nunca se satisfazendo com aquilo que sabe.

Emergem então, no final do século XX, novas formas de pensar, novas concepções sobre o ensino e também sobre a escola. Disciplina e interdisciplinaridade caminham sincronicamente, pois a partir de então, interdisciplinaridade passa a ser a palavra de ordem. Há uma tentativa de se construir uma nova epistemologia, que seria a interdisciplinaridade, uma busca de um projeto antropológico, a construção de uma teoria da interdisciplinaridade

que adquire uma identidade própria, que leva a compreender as causas das ações e representações dos indivíduos, das pessoas, a partir da forma como elas ocorreram.

A interdisciplinaridade adquire um sentido que é uma abertura para novas possibilidades no ensino, na educação, não havendo um caminho único, direcionado, pois a interdisciplinaridade leva o pesquisador, o estudioso a escolhas, já que

“(...) é impossível a construção de uma única, absoluta e geral teórica da interdisciplinaridade, mas é necessária a busca ou desvelamento do percurso teórico pessoal de cada pesquisador que se aventurou a tratar as questões desse tema”.

(Fazenda, p.13)

Além de percorrer diversos caminhos, adquirir novos conhecimentos teóricos, o pesquisador absorve uma atitude de ver o mundo sob uma nova ótica, há uma externalização global, holística do mundo, pois o estudioso procura conhecer cada vez mais, não se retendo apenas a um campo do saber, mas sempre pesquisando, procurando saber, conhecer, compreender tudo, nunca parando de estudar, pois sente prazer em pesquisar porque a busca pelo conhecimento é inesgotável e o pesquisador-interdisciplinar procura conhecer o infinito.

“(...) E, a partir da compreensão de sua verdadeira dimensão relativamente ao cosmos, ele pode (...) encontrar um equilíbrio interior que lhe permita conviver com a dúvida e a caminhar na incerteza”.

(M^a Elisa M. P. Ferreira)⁵

Numa relação interdisciplinar é possível fazer uma integração entre várias disciplinas, comunicando-as de forma que possibilite a emergência de novas relações estruturais, levando-as a atingir um objetivo comum, a uma síntese. Para isso, é necessário que se utilize, que se recorra a alguns fundamentos necessários para a manutenção da relação entre as disciplinas. É importante que se mantenha o diálogo, pois nunca devemos nos separar das experiências vividas por que elas geram novas perspectivas, novos interesses.

Outro fator é a memória, que é essencial como uma forma de releitura crítica dos fatos acontecidos anteriormente. Ainda se tem a parceria que é de fundamental importância para as relações de interdisciplinaridade, pois sem a parceria não há como haver integração,

já que a parceria possibilita o diálogo com outras formas de conhecimento, sendo então de extrema necessidade para a realização da interdisciplinaridade é a própria prática de ensino e de pesquisar, pois nota-se uma interação professor/aluno quando se usa da interdisciplinaridade, não há uma relação de saber-poder, mas sim um posicionamento do professor que é conquistado e não imposto.

Estes são alguns dos fatos que encontramos numa relação interdisciplinar, podendo-se encontrar vários outros que são essenciais para a educação, para o ensino, para a aprendizagem. Daí onde podemos perceber a interdisciplinaridade, não como uma teoria do conhecimento, mas como uma categoria de ação, pois a interdisciplinaridade possibilita a interação entre as teorias, entre os conhecimentos, entre as disciplinas.

Capítulo II

Interdisciplinaridade: Solução ou problema para a Educação?

“Para ver o mundo num grão de areia
e um céu numa flor silvestre,
segure o infinito na palma de sua mão
e a eternidade numa hora”.

(William Blake, poeta inglês)

Podemos observar que o estudo da interdisciplinaridade foi uma saída para a crise que as ciências estavam tendo desde a segunda metade do século XX. Mas será que realmente funcionou? Isto tentaremos responder a partir dos estudos do professor Alfredo da Veiga Neto, da faculdade de Educação da UFRGS, nas quais aborda que interdisciplinaridade na educação poderia ter sido uma solução, mas na verdade não foi por vários motivos.

Sabemos que a frase interdisciplinar foi uma tentativa de se fazer uma integração entre as várias disciplinas, entre vários professores, porém o resultado dessa experiência não foi muito satisfatório, pois assim como as disciplinas são diferentes, cada uma tem sua heterogeneidade interna, o que dificulta a ligação com outra disciplina, além do mais, nestes últimos anos, houve um aumento enorme de novas disciplinas o que tornou difícil ainda mais a interação. Mesmo assim, apesar de toda a dificuldade, de toda a insatisfação com a interdisciplinaridade, Beatriz Judith Lima Scoz diz:

“(...) embora a interdisciplinaridade não se constitua num modelo ideal para sair do caos da multidisciplinaridade, é necessário que ela seja mantida com o propósito de, a partir dela, alcançaremos uma síntese dialética que nos leve a reconhecer a interdependência de todos os aspectos da realidade”.

(Scoz, p 24)

Assim, apesar de todo o esforço feito, de todos os estudos que procuram afirmar a interdisciplinaridade como um modelo ideal de ensino-aprendizagem, que esteve no modismo por um bom período, seus resultados foram desanimadores, não deram certo. Analisando os estudos feitos por Veiga Neto,⁶ pode-se notar que o primeiro fator que levou ao 'fracasso' da interdisciplinaridade, foi a questão da própria disciplina, do conhecimento

6. Alfredo da Veiga-Neto é professor no programa de pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ver: Veiga-Neto, Alfredo da. Texto " Interdisciplinaridade: mais uma volta no parafuso".

disciplinar, que não pode acabar de uma hora para outra, pois todas as relações que se tem hoje de poder-saber, teve uma base disciplinar, sendo construída paulatinamente.

E, além do mais, a patologia do saber não é um resultado da fragmentação científica, mas um afastamento que o homem teve de si próprio e do conhecimento produzido levando-o a não ter um compromisso sério com o seu destino e o do mundo. Ficando sem ter consciência dos malefícios que passaram a produzir. Portanto, o problema não estaria no isolamento das disciplinas, mas na forma como os homens começaram aplicar o conhecimento esquecendo-se de sua própria essência humana.

Outro ponto abordado que tenta explicar o porquê da relação interdisciplinar não ter dado certo seria a impossibilidade de união de disciplinas, já que não tem como haver uma aglutinação da razão, uma unidade racional e para o projeto interdisciplinar esta unidade não foi possível, por isso o projeto fracassou.

"Quando tentamos fundir duas ou mais disciplinas ocorrem 'fenômenos', estranhos : (a) elas não se fundem mas, no Maximo, 'conversam entre si' ou (b) partes delas se fundem ,originando uma nova disciplina, mas as partes que vão constituir essa nova disciplina não representam o que era cada respectiva disciplina de onde saíram".

(Veiga - Neto, 1994)

Portanto, não há como haver uma união completa de disciplinas, quando tenta-se uni-las, elas apenas se juntam e parte delas se incorporam formando uma outra disciplina, sendo resultado de uma síntese das disciplinas. Não há como haver uma aglutinação completa, isto é impossível, pois cada disciplina contem um mundo em si mesma, na sua interioridade. Assim, não há como existir uma harmonização total das disciplinas como seria o objetivo da interdisciplinaridade, apenas há uma comunicação parcial que não leva a uma total integração dos conhecimentos.

Apesar de todos os problemas que pairaram sobre a interdisciplinaridade, não se pode desconsiderá-la de modo algum, pois significou um avanço na educação, já que antes o que se tinha era uma tentativa de resolver o problema educacional a partir da multidisciplinaridade, um projeto que não considera as características e necessidades do desenvolvimento de aprendizagem do aluno, o que dificulta a percepção total do saber e do entendimento do próprio ser humano, já que se baliza, a multidisciplinaridade, apenas numa justaposição de saberes, de disciplinas.

No modelo de ensino multidisciplinar, não há nenhuma tentativa de fazer uma síntese, daí onde o modelo interdisciplinar adquire sua importância, pois a partir do momento que o professor trabalha dentro de uma visão da totalidade do conhecimento, mesmo que esta totalidade não venha, como sabemos, a ser por completa.

Portanto, a interdisciplinaridade teria uma função que seria reverter toda a fragmentação de saberes que vigorava até o momento, levando o homem a não mais se isolar, mas a uma integração social e, também, com a natureza. A partir disso, podemos dizer que a interdisciplinaridade tinha um objetivo a alcançar que seria chegar a um "lugar epistemológico superior", (Veiga-Neto, 1996), onde neste lugar se conseguiria saber e compreender o todo social a partir da integração.

Pode-se falar que o objetivo final da interdisciplinaridade seria algo impossível de ser alcançado, pois não há como haver uma unidade da razão, a perspectiva dessa unidade concentra-se portanto, apenas na vontade disso vir acontecer.

Na verdade, o que Veiga-Neto vê na interdisciplinaridade não é mais do que a pluridisciplinaridade, a aproximação entre as disciplinas, onde se busca uma nova disciplina que certamente seria superior às outras já que conteria um pouco de cada uma delas.

O termo interdisciplinaridade não passaria de um mito, mesmo assim, os estudos denominados de interdisciplinares não podem ser desqualificados, mesmo porque a palavra em si não revela qualquer essência, o significado total, verdadeiro, mas apenas adquire o sentido que damos a esta palavra. A interdisciplinaridade, portanto, pode adquirir diversos significados, dependendo da pessoa que lhe atribua um sentido porque os nomes não revelam uma identidade própria, pois são denominados por outros adquirindo o sentido que o outro almeje. Da mesma forma que ocorre com a construção da nossa identidade, onde são os outros que nos atribuem, assim como diz Nuria Pérez de Lara Ferre:

"(...)minha identidade me dão os outros. Mas eu não sou essa identidade, pois se eles têm de dá-la a mim é porque eu, em mim mesma, por mim mesma, em minha intimidade, não a tenho."

(Nuria Ferre, P. 196)⁷

Do mesmo modo ocorre com a interdisciplinaridade, pois é um termo muito complexo, porém quem o atribui vendo-o a partir de um outro olhar, não age de forma errônea, mesmo que não aborde, não revele todo o seu sentido completo. dessa

forma, Veiga-Neto procura não utilizar este termo para abordar as transformações ou as tentativas de se encontrar uma nova forma de manter uma interação na educação entre as disciplinas, denominando as mudanças ocorridas de pluridisciplinaridade. E não de interdisciplinaridade.

Entretanto, os estudos de nossa atualidade estão em busca de uma transdisciplinaridade, um patamar que vai além da pluridisciplinaridade, sendo um salto evolutivo no saber e fazer pedagógico. Pode ser visto como o ponto de chegada de uma evolução interdisciplinar, seria o lugar final almejado pela ciência, que, apesar de não haver uma possibilidade de ser alcançado, serve como um caminho orientador para uma evolução científica.

“ Transdisciplinaridade é o reconhecimento da interdependência de todos os aspectos da realidade, implica, portando, uma perspectiva dinâmica de conjunto que consiga transcender a dinâmica de uma síntese dialética numa perspectiva de totalidade”.

(Beatriz Scoz. P.24)

Assim, a transdisciplinaridade aparece como uma possibilidade de se fazer um redimensionamento nas ciências, levando a emergência de uma nova ciência onde seria possível paralelamente se fazer a distinção e a comunicação, ou seja, ao mesmo tempo seria possível separar e associar. no entanto, transcender as disciplinas não quer dizer negá-las. A transdisciplinaridade possibilita ao especialista uma abertura ao todo que o rodeia, uma forma de facilitar a comunicação entre as várias áreas do conhecimento, porém, não excluindo as particularidades de cada uma.

O movimento de transdisciplinaridade nos possibilita pensar um novo papel da educação e das instituições de ensino da nossa sociedade. Para isso, deve-se ter uma compreensão e uma atuação num nível mais amplo e, ao mesmo tempo, restrito; com a transdisciplinaridade pode haver uma interação de saberes onde um não caminha separado do outro, onde o todo não pode ser explicado fora de suas partes e, ao mesmo tempo, cada parte não pode ser explicada fora do todo.

Capítulo III

Nossas escolas utilizam-se do sistema interdisciplinar?

“Quando a mente é perturbada,
produz-se a multiplicidade das coisas;
quando a mente é aquietada,
a multiplicidade das coisas desaparece”.

(Ashavaghosha)⁸

O projeto interdisciplinar é algo importante para a educação, pois mesmo não tendo alcançado o resultado almejado no princípio, apesar da impossibilidade de haver uma integração total das disciplinas, teve sua participação na “melhoria educacional”. Pelo menos foi um primeiro passo que se deu na tentativa de produzir um ensino que não fosse tão disciplinador, tão controlador, onde estão presentes aquelas relações de poder-saber que mantêm um distanciamento entre o professor e o aluno, dificultando o processo de aprendizagem.

Há algum tempo se vem procurando acabar com o modelo multidisciplinar de ensino, que ainda perdura até nossos dias. Este modelo dificulta o desenvolvimento cognitivo do aluno, não possibilitando uma aquisição inteligente do conhecimento, do saber. Para isso se vem tentando aplicar o modelo, de ensino interdisciplinar, que traz uma nova ótica sobre a Educação e o ensino buscando fazê-los mais criativos, mais ousados, levando à uma “harmonização” de conteúdos, porém, respeitado “as suas especificidades”.

“Num currículo multidisciplinar os alunos recebem informação incompletas e têm uma visão fragmentada e deformada do mundo. Num currículo interdisciplinar as informações, as percepções e os conceitos compõem uma totalidade de significação completa e o mundo já não é visto como um quebra-cabeça desmontado”.

(Rosamaria Calaes de Andrade, p.97)

O educador Alfredo Veiga-Neto enfatiza que a interdisciplinaridade saiu da moda, que não tem mais sentido a utilização desse termo e que sua realização seria impossível, mesmo assim muitas escolas dizem que trabalham num modelo interdisciplinar. No entanto,

será que estas escolas, conhecem o verdadeiro significado da interdisciplinaridade ou apenas tentam lhe atribuir um sentido , tentam lhe dar uma identidade?

A partir de nossa experiência vivida na pratica de ensino e das visões da educação que temos atualmente, procuramos entender o que as escolas pensam e querem trabalhar. O modelo de interdisciplinarização, não acontece na pratica, ficando ainda na parte teórica, principalmente no ensino publico que traz muitas dificuldades para que busca trabalhar com a interdisciplinaridade.

Observamos essa realidade, quando analisamos as instituições publicas de ensino e notamos que não oferecem estrutura nem de recursos para serem utilizados no ensino-aprendizagem escolar. Começando pela estruturação vigente nas salas de aula, que são super-lotadas (salas com quase ou mais de 50 alunos) o que dificulta por completo a total aquisição dos conhecimentos. O professor sente uma enorme dificuldade em trabalhar seus conteúdos, pois na tem recursos didáticos precisando ser um artista para obter a atenção e transmissão do conhecimento. Sendo poucos os alunos que realmente aprendem, a maioria da turma fica em deficiência,

“(...) As crianças são ensinadas. Aprendem bem tão bem que se tornam incapazes de dizer o diferente. Se existe uma forma certa de pensar as coisas e de fazer As coisas, por que se dar ao trabalho de se meter por Caminhos não explorados? Basta repetir aquilo que a Tradição sedimentou e que a escola ensinou. O saber Sedimentado nos poupa dos riscos da aventura de Pensar”.

(Rubem Alves, A Alegria de Ensinar, p.28-9)

O professor fica sujeito tentando transmitir seus conteúdos pois as instituições educacionais não oferecem salários dignos que possibilitem os docentes a dedicar-se por completo à uma escola, a se capacitar, a estar sempre pesquisando.

Se trabalhar num modelo multidisciplinar já é difícil para as escolas imaginem com a interdisciplinaridade que exigiria total dedicação e disponibilidade do docente, tanto para o ensino quanto para a pesquisa , pois uma das principais qualidades do professor-interdisciplinar é estar sempre em busca de novos conhecimentos, nunca se satisfazendo com o que sabe, procurando sempre conhecer de tudo mesmo tendo consciência de que o conhecimento é infinito. Alem do mais, é muito complicado se trabalhar co turmas grandes

porque nem sempre se é possível obter um total domínio, principalmente quando se trabalha com adolescentes, que estão vivendo num período de total efervescência.

Outro ponto interessante a se abordar é a própria falta de interação entre os professores, pois como estão sempre trabalhando em varias instituições ao mesmo tempo, não há como se dedicam a apenas uma escola e estarem sempre em contato uns com os outros. Encontrando-se apenas alguns minutos no horário do intervalos de aula e troando poucas palavras. Podendo notar professores que trabalham num a mesma instituição e nem ao menos se conhecem. Existindo também aqueles que lecionam a mesma disciplina e não dialogam entre si, não se integram, não planejam suas aulas, pairando assim um sentimento individualista, de temor ou mesmo de orgulho.

Com nossa pratica de ensino na Escola Félix Araújo podemos observar vários desses fatores, principalmente no que se refere a falta de interação entre os professores, havia muito individualismo não apenas no que se refere a disciplina de historia, mas nas disciplinas em geral. Os professores tinham apenas o interesse de vir a escola dar suas aulas e no final do mês receber seu mísero salário, e pronto! Não observamos nenhum interesse maior para com o ensino. Só reclamações, lamentações com o rumo que a instituição estava tomando, mas que ninguém podia fazer nada, pois não era compensatório (referencia salarial).

Notamos que o momento de maior "integração" entre os professores " era na hora do intervalo da terceira aula para a quarta aula, hora em que se reuniam para o lanche e discutiam suas dificuldades salariais, não se voltando às suas praticas docentes.

A partir de tal experiência, como pensarmos em interdisciplinaridade numa instituição como esta, que revela a realidade de muitas instituições do nosso país? Onde os professores não tem como se dedicarem totalmente ao ensino , muitos até que procuram, mas sentem grandes dificuldades. Outros nem mais procuram estudar, apenas transmitem aquilo que aprenderam, num modelo bem tradicional de ensino, impondo uma relação de poder-saber sobre os seus alunos. O que resulta na não aprendizagem. Assim como diz um dito popular: o professor finge que ensina e o aluno finge que aprende.⁹

Quando procuramos saber como alguns professores de historia exerciam sua pratica na sala de aula, encontramos algumas resistências, pois notamos que havia um temor de que pudéssemos questionar a pratica do professor, talvez por insegurança ou outro motivo notamos resistência. Claro que isto não ocorreu com todos os professores, tivemos aqueles que não se impuseram, que se disseram abertos à nossa observação. Falando

9. Claro que não podemos generalizar dizendo que todos os professores não se interessam mais pela educação. Temos aqueles que sempre, que podem estar pesquisando, estudando, procurando atualizar seus conteúdos, fazendo sua reciclagem, porém isso ocorre de modo individual, quase sempre. Pois são poucos os momentos em que há uma reunião de professores para se tentar falar sobre o caminho das disciplinas. As reuniões geralmente acabam tomando outros rumos, como a questão salarial

especificamente do turno manhã no qual fizemos nossa observação e nossa prática., pudemos nos deparar com duas realidades, com dois tipos de professores: um bem tradicional que procura expor suas aulas com base sempre no livro didático, afirmando constantemente sua autoridade em sala de aula; e outro, que para muitos seria um professor-interdisciplinar, que procura em salas fazer com que os alunos se interajam, que exponham suas idéias, não apenas aquelas contidas nos textos didáticos, mas mesmo não sendo autoritários, tem o seu lugar respeitado, pois conquistou-o junto com sua turma.

Mesmo trabalhando com formas bem tradicionais de ensino muitos professores se dizem interdisciplinares. O que será que eles entendem por interdisciplinaridade? Levantamos alguns questionamentos sobre interdisciplinaridade junto a professores de ensino fundamental e podem, observar que muitos deles já ouviram falar do modelo interdisciplinar de ensino, mas não sabem como utiliza-lo dentro da sala de aula. Dos oito professores questionados, sete deles entendem que ser interdisciplinar é se utilizar m sua disciplina de outras, como por exemplo, u professor da aula de historia abordar a geografia e a ciência para explicar alguns conteúdos.

Um dos professores vê interdisciplinaridade como algo mais abrangente, dizendo: abordar outras disciplinas na que lecionamos é ser pluridisciplinar. entendendo por interdisciplinaridade a abordagem de um tema e este sendo aplicado em todas as outras disciplinas. Muitos se consideram interdisciplinares porque utilizam-se de vários recursos e suas aulas.

Porem, analisando o que os professores disseram sobra a interdisciplinaridade, entendemos que nenhum deles conhece qual o verdadeiro sentido do termo e toda a sua complexidade. Eles próprios atribuíram um sentido para a interdisciplinaridade a partir do que "ouviram falar". As escolas procuram fazer com que o professor exerça uma prática interdisciplinar, mas não oferece nenhum recurso, ficando apenas na parte teórica e o professor agindo na sala de aula da forma como ele compreendeu.

Não havendo um estudo mais aprofundado nas escolas do que seria interdisciplinaridade, a maioria dos professores continuam aplicando o seu modelo de ensino tradicional que não leva o aluno apensar, a dialogar com os conteúdos. Essa não utilização teórico-prática da interdisciplinaridade parte, principalmente, porque nem as próprias pessoas que abordam o tema nas escolas, nas instituições, não sabem realmente como aplica-lo; isso devido a toda a complexidade aborda por Alfredo da Veiga-Neto, que desconstrói a interdisciplinaridade, vendo-a como um mito.

Hoje podemos ver a interdisciplinaridade como um mito porque sabemos que, mesmo que se tente, jamais se poderia ter uma integração, uma união completa entre os saberes, mesmo porque cada um deles não é único, pois traz em si muitas heterogeneidades, cada um se divide em vários, e a cada um dia que passa vai surgindo novas disciplinas que complicam cada vez mais esse desejo de integração. Também porque vivemos num mundo regido pela disciplinarização, pela norma, pela lei, em tudo, não tendo como se fazer uma integração, ficando o sonho da interdisciplinaridade, apenas como teoria imaginativa.

Conclusão

"Perceber-se interdisciplinar...
É sentir-se componente de um todo
É saber-se filho das estrelas,
Parte do universo e um universo à parte..."
(M^a Eliza de M.P. Ferreira)

A partir de tais estudos, podemos perceber que, a interdisciplinaridade que era um sonho, tido como a grande solução para a crise vivida pelas ciências após a segunda Guerra Mundial e que foi tida como um grande modismo desde a década de 1970, foi algo que ficou apenas no desejo, no sonho, na imaginação.

Muitos foram os que tentaram aplica-la no setor educacional, dando-lhes vários sentidos , mas nenhum adquiriu o seu verdadeiro significado que era a união total entre as ciências pois cada uma tinha as suas especificidades, podendo no máximo juntá-las e retirar um pouco de cada. E aí travávamos o surgimento de uma nova disciplina, com novas especificidades, novos objetos, novas abordagens.

Temos ainda em nossos dias muitos professores que se dizem interdisciplinares e utilizam um modelo não-tradicional do conhecimento, que procuram sempre pesquisar e exercer uma prática que leve os alunos a pensar, a questionar, a dialogar com os temas, com os conteúdos. Portanto, muitos destes professores não procuram interagir com seus alunos, mantendo sempre um distanciamento reafirmando aquela relação de poder-saber é tão criticada pela interdisciplinarização.

Se há um lugar onde a relação interdisciplinar poderia dar caminho seria a Universidade, porém neste espaço é complicado falar de interação, seja professores/alunos, professor/professor, aluno/aluno. Podemos notar muitas divergências dentro dessa instituição. Muitas relações de poder se afirmam, desde a parte mais burocrática até mesmo a relação entre alunos, onde muitos querem se superiores aos outros.

Assim percebemos que a interdisciplinaridade, ainda é algo a ser pesquisado com mais seriedade, buscando a construção o entendimento dentro da realidade que cada escola apresenta. Embora as relações de poder existentes dentro da educação brasileira

impossibilitem um andamento mais coerente desta em busca das mudanças necessárias na construção de um projeto educacional mais inteligente, dentro da realidade de cada escola. É preciso, cada vez mais, a integração da academia (considerada centro pensante transformador) junto a comunidade na qual ela está inserida. Estaríamos, portanto, possibilitando a construção do "sonho" da escola, entendendo-a dentro de suas limitações, fazendo-a buscar romper essas limitações.

Bibliografia

ANDRADE, Rosamaria Calaes – Texto: Interdisciplinaridade: um Novo paradigma curricular.

FAZENDA, Ivani C. Arantes – Interdisciplinaridade: historia, teoria e pesquisa. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

FERRE, Nuria Pérez de Lara – Texto: Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta.

FERREIRA, Maria Elisa de M. P. – texto: ciência e interdisciplinaridade; in: Fazenda, Ivani C.A. coord.) Praticas Interdisciplinares.

GONÇALVES, Francisca dos Santos – Texto: Interdisciplinaridades; in: Ver. Presença Pedagógica, V.2, n.9, mai/jun 1996

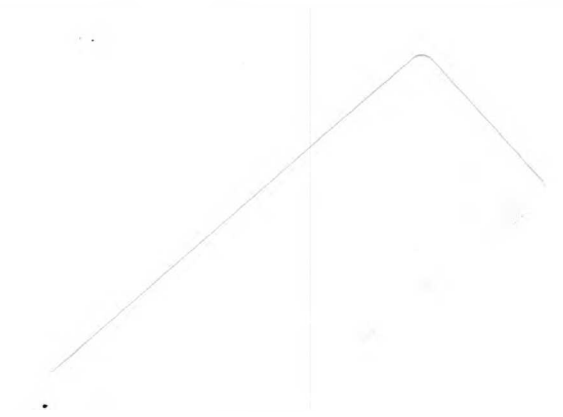
SCOZ, Beatriz Judith Lima – Texto: "A psicopedagogia na visão multidisciplinar, interdisciplinar, interdisciplinar e Transdisciplinar". In: Revista Psicopedagogia – 15(39) – 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo da – Texto: Interdisciplinaridade: uma moda que está de volta?

_____ - Texto: Disciplinaridade x Interdisciplinaridade – uma tensão produtiva.

_____ - Texto: Interdisciplinaridade: mais uma volta no parafuso.

ANEXOS



ANEXO 1- *Modelo de Questionário aplicado entre os professores sobre a interdisciplinaridade.*

Universidade Federal da Paraíba
Campus II
Centro de Humanidades
Estagiaria: Luzia de Marilak J. da Silva
Disciplina: História

Questionário

Nome:

Disciplina que leciona:

- 1- Você já ouviu falar sobre a interdisciplinaridade?
- 2- O que você entende por interdisciplinaridade?
- 3- A sua escola trabalha com a interdisciplinaridade? Justifique.
- 4- Na sua opinião, trabalhar com interdisciplinaridade é positivo para a educação brasileira? Por quê?

Obrigada!

ANEXO 2-

- *Síntese do texto trabalhado no ensino fundamental – 6ª B.*
- *Exemplo do exercício 1*
- *Exemplo do exercício 2*

Síntese do texto trabalhado com a turma da 6ªB – Escola Félix Araújo

- Título: O preço da independência: a política externa do primeiro Reinado e a abdicação de Dom Pedro I.

1- Importância do reconhecimento do Brasil pela Europa: relações comerciais.

2- Inglaterra e o reconhecimento da independência do Brasil.

2.1- Inglaterra: principal negociadora da autonomia brasileira.

2.2- Outros países temiam o retorno do Brasil a ser colônia portuguesa;

2.3- Assembléia constituinte e constituição de 1824: Tidas como práticas absolutistas.

2.4- Estados Unidos: interesses levaram-no a ser o primeiro a reconhecer a independência brasileira.

2.5- Ingleses pressionam Portugal para o reconhecimento.

2.6- Inglaterra "apertam" o Brasil causando prejuízos.

2.7- Reconhecimento português: Dom Pedro I herdeiro do trono de Portugal e o Brasil paga indenização.

2.8 tratado de paz e amizade: como os brasileiros o viram?

3- Um mau negocio: o Tratado comercial com a Inglaterra.

3.1- exigências inglesas trouxeram prejuízos ao Brasil.

3.2- Quais os verdadeiros interesses da Inglaterra?

3.3- Ingleses privilegiados.

3.4- Movimentação portuária: diferenças.

4- Independência da província Cisplatina: revoltas.

4.1- Interesse do Brasil na região da Cisplatina.

4.2- A Inglaterra marcou presença como apaziguadora entre Brasil e Província Cisplatina.

5- Abdicação de Dom Pedro I

5.1- O que levou a abdicação?

5.2- Causas e conseqüências.

Exemplo

Exercício 1: proposto para que os próprios alunos elaborassem as questões e respondessem em seguida. O objetivo principal foi fazer com que os alunos lessem o texto, e também mostrar no final uma outra forma de fazer um exercício, diferente destes de questões diretas que não o fazem refletir.

Aluna: Aluska. série 6^ªB n.º 0.3

Exercício

1º O que ocorreu em 1826?

Em 1826, dom Pedro II, filho de dom Pedro I, assumiu a regência do Brasil. No dia 7 de fevereiro, a imprensa da época publicou a notícia da sucessão ao trono português. Inicialmente, dom Pedro I não tomou nenhuma posição.

2º O que ocorreu em 4 de setembro de 1828?

Foi assinado o Tratado de Madrid, que criou a República do Uruguai e pôs fim à guerra entre o Brasil e o Uruguai, resultando na independência do novo país.

3º Qual foi o jornalista morto, mas suas ideias de São Paulo no dia 30 de novembro de 1830?

Albino Rodrigues.

4º Em que ano o Tratado da Paz e Amizade entre dois países foi assinado por dom Pedro?

Em 30 de agosto de 1825.

5º O que ocorreu desde 1825?

Desde 1825, começou uma revolução armada no Rio de Janeiro, liderada pelo general Cavalleja, que queria acabar com o domínio da família real. No dia 13 de novembro, iniciou-se uma guerra civil entre os dois lados.

6º O que ocorreu em janeiro 1824?

Dom Pedro assinou o Tratado de Madrid e a Paz com o Uruguai, criando o novo país.

7º O que ocorreu em fevereiro de 1831?

Em fevereiro de 1831, o imperador dom Pedro I foi obrigado a abandonar o Brasil, indo para o exílio na Inglaterra.

8- Em que ano a Assembleia Geral foi convocada?
No ano de 1826.

9- O que ocorreu em 1829?
Em 1829, o Banco do Brasil foi a falência.

10- O que foi declarado em 1826? Em 1826, o Brasil foi declarado rei de Portugal com o golpe do estado liberado pelos absolutistas.

Aluno(a): Simão, Ricardo de Farias nº 44
Pqº Luzia Sério - 6º B Turma: Manhã
Disciplina: História

Elaboração de Perguntas

1- O que ocorreu em janeiro de 1824? Dom Pedro viajou para a França e a Inglaterra para tratar do reconhecimento das fronteiras da independência. Mas o centro da negociação foi a fronteira.

2- Por que era tão importante o reconhecimento por Portugal? Por que os demais países não se envolveram e pagaram o reconhecimento mas não tiveram certeza de que o Brasil não estaria a ser colônia portuguesa.

3- O que ocorreu em 30 de agosto de 1825? em 30 de agosto de 1825 ocorreu o tratado de paz e amizade entre os dois países foi assinado por Dom Pedro. O rei português fez o mesmo em novembro daquele ano.

4- O que foi declarado em 1826? em 1826 Dom Miguel foi declarado rei de Portugal num golpe de estado liderado pelos absolutistas.

5- Em 1825, quantos navios ingleses e quantos navios brasileiros descarregaram mercadorias na Grã-Bretanha? em 1825, enquanto mil navios ingleses descarregaram mercadorias aqui, somente dez navios brasileiros descarregaram produtos na Grã-Bretanha.

Aluno(a)

1 / 1

6- Como o Brasil encerrou o ano de 1828? O Brasil encerrou o ano de 1828 como a maior importadora de mercadorias inglesas, recebendo, naquele ano, 2,2 milhões de libras esterlinas em compras. A França, que ficou em segundo lugar, comprou mercadorias no valor de 350 mil libras.

7- Em que ano o Bando do Brasil foi revogado?
Em 1829.

8- O que ocorreu nos meses de 11, 12, e 13 de março?
Nos dias 11, 12 e 13 de março ocorreram conflitos entre portugueses e brasileiros resultando no que ficou conhecido como meses das garofadas, marcadas por brigas nas ruas do rio de Janeiro; garofadas quebradas por essas armas mais usadas.

9- Em que ano o jornalista Kilvo Badaró foi morto?
O jornalista Kilvo Badaró foi morto no dia 30 de novembro de 1830.

10- O que ocorreu em janeiro de 1831? O imperador decidiu fazer uma visita a Ouro Preto acompanhada da imperatriz.

Fim

Historia

Aluno(a) Michael S. Medeiros Nº 30

2º) A Inglaterra tornou-se o que?
a negociadora do reconhecimento da autonomia brasileira por Portugal, justamente para obter vantagens...

2º) O que ocorreu em 1823?

Os estados unidos que pretendiam obter vantagens em tratados comerciais, foram o primeiro país a admitir o Brasil como país independente.

3º) O que é Santa Aliança?

Associação de cores europeias (França, Império Austró-Húngaro e Rússia).

4º) O que ocorreu em 1825?

Com a derrota do movimento, não eram mais possíveis tentativas de recolonização, e isso ocorreu facilitando as negociações.

5º) O que ocorreu em março de 1825?

Dom João VI ocorreu retomando as negociações não somente por causa das pressões britânicas...

6º) O que ocorreu em 1826?

Os latifundiários exigiram do imperador alterações nos tratados?

7º) O que aconteceu na noite de 11, 12, 13 de março?
O conflito entre Portugal e Brasil resultaram no que ficou conhecido como dos da carrapadas.

8º) O que aconteceu em 4 de setembro?

Por um lado para economia brasileira independente sobretudo de exportação de produtos agrícolas era vital que principalmente a Europa reconhecesse ...

9º) O que aconteceu em 30 de agosto de 1825?

O tratado de paz e amizade entre os dois países foi assinado por dom Pedro.

Exemplo

Exercício 2 : proposto como uma forma de exercício diferente do primeiro. Cuyo objetivo é fazer os alunos refletirem sobre a questão, edocando opiniões próprias e não apenas copiar o que está nos livros.

"Questões / Perguntas"

1) Sabemos que o ano de 1822 foi um grande marco para a história do Brasil, pois foi neste ano que Dom Pedro I proclama a Independência do Brasil, às margens do Rio Ipiranga. Sendo assim, respondo: o que é ser SOBERANO para nós? Você acredita que o Brasil se tornou realmente um país livre? Por quê?

2) Vimos que a Inglaterra foi uma forte influenciadora para que os outros países reconhecessem o Brasil como independente. Diga com suas palavras, o porquê dos ingleses terem tanto interesse no Brasil?

3) Depois de muitas pressões D. Pedro I abdicou seu trono no Brasil e voltou para Portugal. Quais foram os motivos na sua opinião que levaram o imperador a renunciar o império brasileiro?

"Respostas"

1) Para agente é ser livre, não ser acovardado como os escravos que apavoram de chibentes, eram comprados vendidos, etc/mãe, porque ainda tem garra, mãe motondo filho, filho motondo mãe. E também ele tem uma grande discordância com outros países.

2) A Inglaterra só reconheceu a independência brasileira em 1826. Não fez antes por vários motivos, ele tentou voltar a ser o absolutismo em Portugal e recuperar sua colônia na América.

2. A Rainha de D. Pedro I requereu uma viagem para
os Impunidos e outros grandes senhores, da que o mo-
archo que eles mesmo ajudaram a colheita no poder
do Comarquo garantir seus interesses.

06.11. Julia Araujo

ma: Renato Lima de Andrade nº: 38

ma: Luiza Maxilok L. da Silva nº: 25

ma: Duomo Tilihan Carneiro nº: 24

matr: 6: B Turma: manhã Disciplina: História

História 06.05.02

Questões

Governos que o ano de 1822 foi um grande marco para a história do Brasil. pois foi neste ano que Dom Pedro I proclamou a Independência do Brasil as margens do Rio Spixanga. Sendo assim, responda: que é ser independente para você? ou seja, o que o Brasil se tornou realmente um país livre? que? independente para nós? ou seja, o que é ser independente para nós? ou seja, o que é ser independente para nós? ou seja, o que é ser independente para nós?

Porém, não podemos esquecer a influência dos outros países independentes, como a Inglaterra, que também teve um papel importante na história do Brasil.

Vimos que a Inglaterra foi uma forte influenciadora para que os outros países se tornassem o Brasil independente, diga, em suas palavras, o que os ingleses têm tanto interesse no Brasil.

Porém, não podemos esquecer a influência dos outros países independentes, como a Inglaterra, que também teve um papel importante na história do Brasil.

Depois de muitas pressões D. Pedro I abdicou seu
trono no Brasil e voltou para Portugal. Depois
de alguns meses em Portugal, ele decidiu
abdicar o trono e retornar ao Brasil.
Muitos governos militares foram instalados
no Brasil durante o período de 1889 a 1934.
O Brasil tornou-se uma república em 15 de
outubro de 1889. O primeiro presidente
foi Deodoro da Fonseca. O primeiro
governo civil foi formado em 1891.
O Brasil tornou-se uma república em 15 de
outubro de 1889. O primeiro presidente
foi Deodoro da Fonseca. O primeiro
governo civil foi formado em 1891.

História

Questões

- Sabemos que o ano de 1822 foi um grande marco para a História do Brasil pois foi neste ano que Dom Pedro I proclamou a Independência do Brasil às margens do Rio Ipiranga. Sendo assim, pergunta: O que dizer INDEPENDENTE para nós? Você acredita que o Brasil se tornou realmente um país livre? Por quê?
- Ser independente para mim é quando a pessoa trabalha e não precisa depender de ninguém.
- Eu acho que ^{no} porque até hoje em dia o país, ainda é dependente dos Estados Unidos, e no Brasil ainda tem muitos ~~casos~~ roubos, muitos ladrões até na previdência, os políticos roubam.
- Viemos que a Inglaterra foi uma forte influenciadora para que os outros países reconhecessem o Brasil como independente. Diga, com suas palavras, o porquê dos ingleses terem tanto interesse no Brasil.
- Eu acho que o interesse dos ingleses no Brasil, que o Brasil ainda hoje existe muitas riquezas mais do que no exterior. É a influência também que naquela época ninguém dos países ricos não queria reconhecer. No exterior não riquezas que são do Brasil. No Brasil não há terroristas no exterior sim. esse é um pouco que eu posso falar. ~~esse~~ ~~esse~~

Depois de muitos esforços D. Pedro I desceu seu trono
do Brasil e voltou para Portugal. Quais foram os
motivos na sua opinião que levaram o imperador a
começar o império brasileiro?

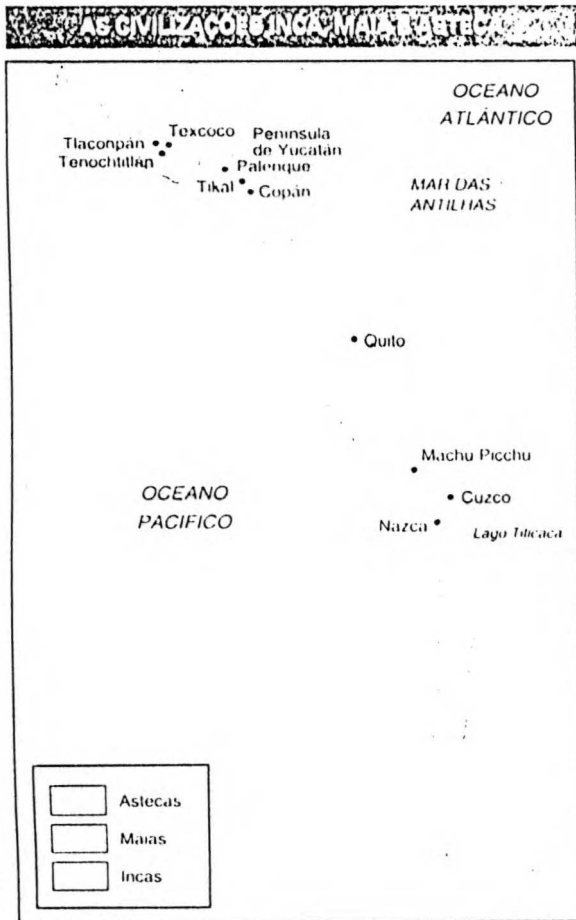
Eu acho que o que levou o imperador D. Pedro I
a renunciar seu trono ao império brasileiro foi
que ele não tinha capacidade e inteligência
para governar seu trono.

ANEXO 3- *Assunto utilizado no ensino médio 1º ano.*

Capítulo 4

1. A OCUPAÇÃO DA AMÉRICA

Muito antes da chegada de Cristovão Colombo, a América já era ocupada por vários povos que viviam de variadas formas que iam da organização tribal, como os povos que habitavam a região onde hoje é o Brasil, até vastos impérios, como era o caso dos incas e dos astecas, que se localizavam na região conhecida como Meso-América. Muitas dessas civilizações desapareceram em consequência da colonização que se iniciou no final do século XV, mas deixaram suas heranças históricas que, até os dias de hoje, marcam o nosso continente.



Fonte: Adaptado de Werner Hilgemann e Hermann Kinder, *Atlas histórico*, p. 218.

Os astecas e maias conheciam a escrita e registravam regularmente o seu cotidiano, mas grande parte dos documentos produzidos antes de 1492, que poderiam nos revelar muitos aspectos do seu modo de vida, foi destruída pelos conquistadores. Em seu lugar ficaram os relatos feitos pelos europeus que, em sua grande maioria, viam a cultura americana como inferior à europeia. Na atualidade a arqueologia tem feito várias descobertas que permitem elucidar um pouco mais da cultura dos primeiros habitantes da América.

2. OS MAIAS

A sociedade maia vivia na região que hoje compreende o sul do México, a Guatemala e a Península de Yucatán. Os indícios apontam que por volta de 900 a.C. os maias já estavam estabelecidos ali.

Politicamente os maias se organizavam em cidades-Estado que se caracterizavam como centros religiosos. As cidades-Estado mais importantes eram Palenque, Tikal e Copán. A base da economia era a agricultura, sobretudo do milho, que era considerado um alimento sagrado. As práticas agrícolas eram rudimentares, com a utilização de instrumentos simples e a prática da queimada para limpar o terreno.

A parcela mais numerosa da população era formada por trabalhadores agrícolas, denominados *maxk'ubalob*. O governo era exercido por um monarca, que tinha vários auxiliares nas funções religiosas, administrativas e militares. A monarquia era hereditária e tinha forte conotação religiosa.

A religião era um traço marcante em toda a sociedade maia. Acreditavam que a vida era dirigida pelos deuses, que eram cultuados em grandes templos. A maior parte dos deuses era representada por elementos naturais como o Sol, a chuva ou o vento, mas acreditavam em um deus criador do mundo, que eles chamavam de *Hunab*.



Ruínas de Palenque em Chiapas, México.

Reprodução baseada em: Atlas de História da América, vol. 1, p. 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000.

Os maias usavam uma escrita hieroglífica que tinha sinais pictográficos e símbolos que representavam as sílabas. Tinham amplo conhecimento de astronomia, que usavam para prever eclipses e observar os movimentos dos astros. Criaram um calendário de 365 dias, dividido em dezoito meses de vinte dias, aos quais se somavam mais cinco dias para completar o ciclo solar. Na matemática, estabeleceram um símbolo para o zero.

A partir do século IX d.C. as cidades do sul começaram a desaparecer enquanto as cidades localizadas ao norte da Península de Yucatán continuaram progredindo até a chegada dos espanhóis, que provocou uma trágica mudança na história daquele povo.

3. OS INCAS

Os incas formaram um vasto império que ocupava a região que hoje corresponde à Bolívia, ao Peru, ao Equador, parte do Chile, chegando até a Argentina. As terras do Império Inca iam dos Andes até a região litorânea.

No início de sua formação, organizavam-se em tribos que formavam uma confederação no Vale do Cuzco. As disputas com povos vizinhos criaram nos incas o impulso imperialista. Na primeira metade do século XV começou a expansão inca. A justificativa usada para avançar sobre as terras alheias era a de levar aos povos que eles consideravam selvagens uma cultura mais avançada. Ironicamente, no século seguinte, os europeus dominaram a América usando o mesmo argumento.



Machu Picchu, cidade sagrada dos Incas.

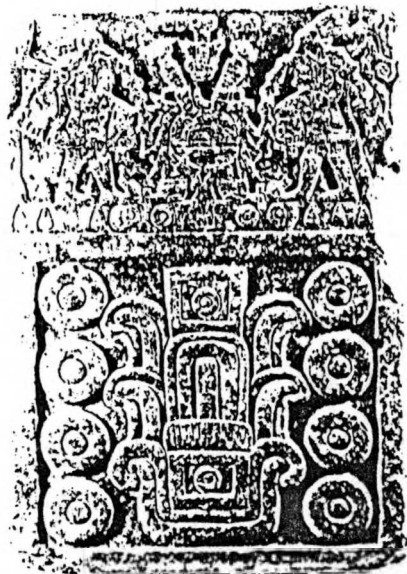
A fim de manter o controle sobre os povos dominados, os incas desenvolveram um eficiente sistema de comunicação entre as várias partes do Império que consistia na construção de uma rede de estradas e na manutenção de postos de informações que eram percorridos por vários mensageiros que passavam a informação de um posto a outro. A exploração das províncias era feita através do trabalho familiar. Cada família recebia um lote de terra para cultivar, além da obrigação de prestar serviços nas terras do *Kuraka*, que era o chefe da comunidade. A prestação de serviço na terra do *Kuraka* era chamada de *mita*.

O Império Inca era formado por inúmeras comunidades agrícolas, os chamados *ayllus*, e seu líder máximo era o Inca, considerado filho do Sol, e que era auxiliado na sua tarefa de governar pelos *kurakas*. A sucessão imperial não era hereditária, e quando o Inca morria os nobres lutavam entre si para definir quem seria o novo rei. Todas as famílias tinham a obrigação de pagar tributos em espécie ao Inca, o que servia para sustentar a sua família e uma aristocracia formada por religiosos e militares.

O sistema de pagamento de impostos retirava dos agricultores uma expressiva parte dos alimentos que deveriam servir para o seu sustento. Aliada à essa exploração, a dominação política exercida pelo Inca e por seus exércitos provocava frequentes rebeliões dos povos dominados. Quando havia revoltas, a repressão era imediata. As comunidades muito rebeldes eram levadas para outras regiões como forma de castigo.

4. OS ASTECAS

Os astecas criaram uma civilização com fortes traços urbanos. A capital, Tenochtitlán, possuía uma vida urbana muito movimentada, um ativo centro de comércio, inúmeras construções que abrigavam a administração pública e vários templos e pirâmides dedicados aos inúmeros deuses cultuados por eles. De tal forma Tenochtitlán representava o poderio asteca que os espanhóis, no processo de conquista da América, transformaram a cidade em ruínas e construíram sobre elas a Cidade do México, a fim de que não restasse um traço sequer da importância que a cidade havia representado.



Baso-relievo comemorativo da inauguração do templo de Tenochtitlán.

Quando os espanhóis chegaram à América, a civilização asteca ocupava uma região que se estendia da fronteira da atual Guatemala até o México, e do Oceano Pacífico até o Golfo do México. As riquezas acumuladas pelos reis surpreenderam os espanhóis e foram, evidentemente, um dos

mais fortes motivos para a destruição daquela civilização. O conquistador Bernal Diaz del Castillo narrou o impacto da descoberta do tesouro do pai do imperador Montezuma:

Pois estando, como estávamos, naqueles aposentos... quando olhávamos onde melhor e mais conveniente parte havíamos de fazer o altar... (um dos nossos) viu numa parede um como sinal de que tinha sido porta, que estava entapada; e como havia fama de que naquele aposento tinha Montezuma o tesouro de seu pai Axaiaca, suspeitou-se que estaria naquela casa, de há poucos dias fechada e tapada... e secretamente se abriu a porta, e, quando foi aberta, [Hernán] Cortés com certos capitães entraram primeiro dentro e viram tanto número de jóias de ouro... e outras mil riquezas... e acordou-se [fizeram um acordo]... que nem por pensamento se tocasse em coisa nenhuma dessas, mas que da mesma porta se tornassem logo a pôr as suas pedras e se fechasse e pusesse da maneira que a achamos e que não se falasse nisso, para que o não soubesse Montezuma, até ver outro tempo... (Bernal Diaz del Castillo. *História verdadeira da conquista da Nova Espanha*. Citado em *900 textos e documentos de História*, p. 115.)

É necessário esclarecer que essa atitude dos espanhóis de não tocar nos tesouros era provisória ("até ver outro tempo", como informa o conquistador); quando os astecas perderam a sua força militar, todos os tesouros foram saqueados.

Os astecas migraram para o Vale do México no início do século XIII. Posteriormente fizeram uma aliança com os habitantes de duas outras cidades — Texcoco e Tlacompán —, e passaram a praticar uma política imperialista de conquista das regiões vizinhas. Aos poucos Tenochtitlán foi ganhando importância, se sobrepôs às outras duas cidades e tornou-se a capital do Império Asteca.

O controle sobre as regiões dominadas era feito através de uma poderosa força militar que garantia a submissão dos outros povos e o pagamento dos tributos devidos ao imperador asteca. Foi graças a essa exploração econômica que os governantes conseguiram acumular os tesouros que foram levados pelos espanhóis.

O governo era exercido por um monarca, denominado *tlatoani*, que era eleito pelos membros da camada dominante (militares, funcionários do alto escalão da administração pública e sacerdotes). Após a eleição, o novo rei tinha o seu poder sancionado pelos sacerdotes, que conferiam a ele um caráter divino. Também no Estado asteca política e religião se articulavam de forma a garantir que o poder não fosse questionado.

A população pobre era formada principalmente por trabalhadores agrícolas que tinham o direito de explorar um lote de terra, com o compromisso de pagar tributos ao Estado. As crianças tinham escolas e havia a possibilidade de ascensão social para os que quisessem entrar para o exército ou para o clero.

Como habitavam uma região pantanosa, os astecas desenvolveram um sistema de cultivo em plataformas, denominadas *chinampas*, que eram construídas na superfície dos lagos utilizando-se o lodo e as plantas aquáticas. A fim de viabilizar o uso das plataformas, foram construídos diques e canais para controlar as águas.

Os astecas praticavam a escravidão, mas essa prática era bastante diferente daquela introduzida na América a partir do século XVI pelos colonizadores. O escravo poderia ser um prisioneiro de guerra, ou alguém que não tinha outra forma de pagar uma dívida que não fosse oferecendo a si próprio. Mas a escravidão era, em geral, temporária. Após a quitação da dívida, através da prestação de serviços, a pessoa readquiria a sua liberdade. Os filhos de escravos nasciam livres e, além disso, era possível comprar a liberdade com certa facilidade.

A intensa atividade urbana foi responsável pela constituição de uma camada média, formada por comerciantes, artesãos e funcionários públicos. Os comerciantes eram denominados de *pochtecas* e, graças ao seu trabalho, podiam acumular grandes fortunas. Mas, mais do que a riqueza material, a grande fonte de poder no Império Asteca era o Estado. O grupo que realmente exercia o poder era formado pelo *tlatoani*, pelos sacerdotes, pelos militares e pelos membros do alto escalão do serviço público.



Ruína asteca de Tenochtitlán, na Cidade do México.

A mitologia asteca previa o retorno à Terra dos deuses que haviam criado a vida. Quando os espanhóis chegaram àquela região foram confundidos com os deuses. Por causa disso, foram recebidos com honrarias pelos astecas, que aceitaram submeter-se à dominação. Quando entenderam que pessoas tão cruéis não poderiam ser deuses, já era tarde demais: os conquistadores já haviam se apoderado do Império.

TEXTO COMPLEMENTAR

O cotidiano da civilização maia: as roupas

Este texto relata a forma como os maias se vestiam antes da conquista espanhola

"A parte mais importante da indumentária dos homens era o *laparrabo*, chamado de *ex* ou *mastil*, em idioma